

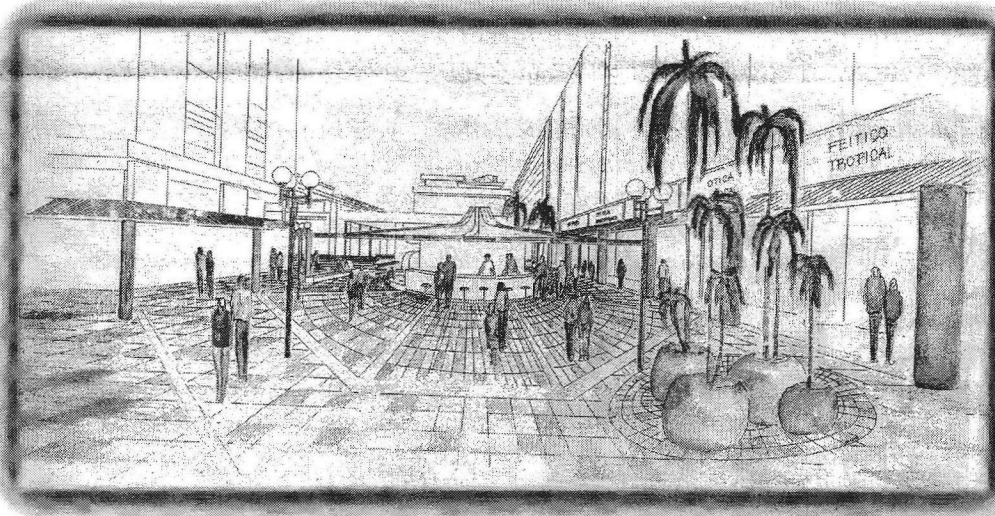
Um país chamado Conic

Setor de Diversões Sul, no coração de Brasília, resume o País. Diferente do que foi projetado pelo arquiteto Lúcio Costa, abriga hoje igrejas em lugar de cinemas. Projeto de revitalização abre perspectivas de valorização imobiliária do local. Mas há radicais que pregam inclusive a sua implosão

Warner Bento Filho
de Brasília

Às sete e meia da manhã, Antônio Ferreira Lopes, 55 anos, levanta a cortina de ferro do bar - a Lanchonete 407 - entre o cine Ritz e a Igreja Universal do Reino de Deus. O tracatá das cortinas se enrolando sobre as aberturas se repete como eco por todo o Setor de Diversões Sul, ou SDS, mais conhecido como Conic. A jornada de trabalho de Antônio, um cearense atarracado, começou um pouco mais cedo. Ele tomou o ônibus, em Ceilândia Sul, uma hora antes.

Faltando dez minutos para as sete, já trabalhava dentro do bar. Preparando os salgados que ao longo do dia seriam oferecidos aos fregueses - guardadores de carro, funcionários da limpeza - para acompanhar doses de caninha 51, Domec e Cortezano, servidos em copos tipo americano até dez ou onze horas da noite, dependendo do movimento. "Chego em casa, tomo um banho, durmo um pouco e já venho de volta", conta o bodegueiro. E explica que para ter R\$ 2 mil de lucro no final do mês precisa vender cinco vezes mais: R\$ 10 mil. "Antes, dava. Agora, com essa crise, chego a um pou-



co mais que a metade disso", contabiliza.

Às vezes coincide de Antônio caminhar do Conic até a rodoviária a poucos passos de Verônica Lima, de 21 anos. Unhas pintadas de marrom, piercing no queixo, cabelos castanhos arrumados em tranças rastafari e óculos para corrigir astigmatismo e miopia, Verônica, à noite, cursa Artes Plásticas na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, que fica a poucos metros do bar de Antônio e cujas aulas se estendem até perto das dez e meia da noite.

Durante o dia, Verônica trabalha na loja Kingdom Comics,

no edifício Venâncio IV, perto da sede do Sindicato dos Vigilantes. A Kingdom Comics vende revistas de quadrinhos nacionais e importadas, camisetas e pôsteres, além de miniaturas, bonecos, estátuas e jogos de estratégia. O público da loja está composto por figuras tão díspares como um punk do Gama e o diplomata engravatado, colecionador de quadrinhos.

As aulas noturnas no Dulcina não raro costumam ser prejudicadas pela música sertaneja que, emaranhada ao cheiro de peixe frito e cachaça, emana das caixas de som dos bares ao redor.

O Setor de Diversões Sul, ou

simplesmente Conic, é esse lugar de contrastes capaz de reunir faxineiras, religiosos, funcionários públicos, office-boys, prostitutas, sindicalistas, advogados, contadores, médicos, atores, pequenos empresários, desempregados, moradores de rua, secretárias,

músicos, profissionais liberais. É o lugar onde gastam o dia o bodegueiro Antônio e a estudante de Artes Plásticas Verônica Lima. Numa área menor que um décimo de quilômetro quadrado, o Conic abarca o Brasil. "Isso aqui é praticamente um país", surpreende-se o carioca Alex Bernardo, bolsista da Faculdade Dulcina, encarregado de gerenciar o teatro.

A cidade

Pelos 14 prédios que abrigam 1.250 salas comerciais e cerca de 270 lojas no Setor de Diversões Sul, estima-se, trabalham

aproximadamente dez mil pessoas. Outras 70 mil ou 80 mil passam todos os dias por lá para comer num restaurante self-service, consertar os óculos, cortar o cabelo, ir ao culto, comprar livros, assistir a aulas, ir ao cinema pornô, beber, comer pão de queijo, participar de reunião no sindicato, homologar a demissão, comprar artigos eróticos ou simplesmente passear. O SDS está no coração de Brasília. Está ligado, por uma plataforma que voa sobre o Eixo Monumental, ao centro comercial mais antigo da cidade, o Conjunto Nacional. É vizinho da rodoviária, do Setor Comercial Sul e do Hotel Nacional. Várias de suas salas comerciais têm vista para a Esplanada dos Ministérios. A chegada do Metrô ali ainda é uma incógnita para o futuro do SDS, mas o certo é que trará um importante incremento de público ao local.

O metro quadrado de uma sala no SDS varia entre R\$ 800 e R\$ 1mil ou até mais. As mais valorizadas são exatamente as que têm vista para a Brasília monumental: o Teatro Nacional, a fileira dupla de ministérios, a Catedral e o Congresso como pano de fundo. (Cont. Pág. 8)



Um país chamado Conic

Warner Bento Filho
de Brasília
(Continuação da Primeira Página)

“O Setor de Diversões Sul é o grande filé do mercado imobiliário de Brasília”, aposta o presidente do Conselho Regional de Corretores de Imóveis (Creci), Luiz Carlos Attié, que comanda a imobiliária Chão e Teto, com sede justamente no edifício Boulevard, ex-Conic. Os condôminos resolveram mudar o nome do prédio em função do desgaste da palavra que serviu para identificar a região.

Conic

A palavra Conic vem, na verdade, do nome da construtora que ergueu o último edifício do Setor de Diversões Sul antes da plataforma que o liga ao Conjunto Nacional. Já haviam outros prédios no local, mas os nomes eram complicados ou confundiam as pessoas por se repetirem em outros pontos da cidade. A construtora Conic instalou no alto do edifício uma enorme placa com seu nome. A marca era facilmente visível para quem chega da rodoviária ou do Conjunto Nacional, por onde passam cerca de 400 mil pessoas a cada dia.

De nome de construtora, Conic passou a designar uma das áreas mais centrais de Brasília. Mas com o passar do tempo o nome ficou mais associado à prostituição do que ao sindicalismo, ao pequeno comércio ou à concentração de serviços oftalmológicos. Hoje, se o incauto visitante sair por Brasília esperando ler Conic em algum lugar da cidade - conforme está escrito no mapa que acompanha a última edição do Dicas de Brasília - não o encontrará. Foi banido.

A prostituição, porém, continua lá. Moças se oferecem nas imediações do cinema Ritz - que oferece strip-teases e sexo ao vivo entre uma e outra sessão de cinema - e nas boates Taj Mahal e Beths, junto à avenida S2, sempre à noite.

De qualquer maneira, segundo Attié, as salas do edifício Boulevard, graças a reformas no hall de entrada e no piso, já registraram valorização de quase 50%. Mas talvez o otimismo não possa ser

expandido para todo o SDS. A faixa de pano que anuncia a venda do bar “Cutuvelo” já está desbotada, embora o proprietário, João José da Silva, morador do Gama, garanta que o ponto está a venda há apenas um mês. João conta que começou pedindo R\$ 12 mil pelo ponto, baixou para R\$ 9 mil e agora passa o negócio para quem aparecer com R\$ 7,5 mil. O comércio parece pujante em alguns pontos do Conic mas fraco em outros.

Em menos de dois anos de funcionamento, a loja de artigos eróticos Ponto G, ao lado do BRB e do Salão de Beleza Afro, na esquina nordeste do SDS, já pagou o investimento de mais de US\$ 100 mil e vai muito bem obrigado, segundo a proprietária, Mercedes Gonçalves. O negócio rendeu tanto que animou a dona e seu marido a abrirem uma filial em Taguatinga e outra em Goiânia, com planos de abrirem mais duas nos próximos meses. O público da Ponto G no Conic foi o que mais surpreendeu os donos. “Cerca de 80% dos nossos clientes são mulheres de classe A e casais, que gastam entre 100 e 300 reais em artigos eróticos e lingerie”, conta Mercedes.

Ilha

A livraria A Casa do Livro, um dos estabelecimentos mais antigos do SDS - e mesmo de Brasília - fundada em 1972, figura hoje como uma ilha, cercada de coisas desconexas por todos os lados. O dono da Casa do Livro, Wilson Hargreaves, lembra com saudades dos tempos em que o Setor de Diversões Sul guardava certa unidade, falava o mesmo idioma. A Casa do Livro fazia par com a livraria Presença. Eram locais onde se podiam encontrar livros raros, proibidos, importados. Entre os consumidores, gente que ia ao Setor de Diversões Sul para assistir aos filmes em cartaz no cinema Atlântida ou em outras das seis salas existentes no local. O público do Teatro Dulcina e do Café Belas Artes se misturava com funcionários das embaixadas da Argentina, da Costa do Marfim, da Índia, do Canadá, além de outras que se estabeleceram lá, lembra-se Hargreaves. No edifício Eldorado, funcionou durante anos a sede da

Caixa Econômica Federal. O Instituto Nacional do Livro também esteve abrigado no SDS durante alguns anos. O Cine Ritz, aquele que hoje oferece filmes pornô e sexo ao vivo, foi inaugurado na década de 70 com o Festival Greta Garbo. Depois disso, ficou conhecido na cidade como um cinema onde eram exibidos filmes mais sofisticados.

A Casa do Livro, neste tempo, fechava as portas só depois das dez da noite, aproveitando o público que saía da sessão das oito ou que chegava para a sessão das dez das duas salas do Cine Karin, onde agora funciona a Igreja Universal do Reino de Deus. “Hoje vivemos a distorção de ter um Setor de Diversões convertido em centro de igrejas”, observa o livreiro.

Meca

Pelo menos quatro igrejas funcionam no SDS: Internacional da Graça de Deus, Pentecostal Deus é Amor e Batista, além da Universal. Uma característica importante deste público - detectada inclusive por dona Maria, a guardadora de carros - é que ele frequenta o lugar com o objetivo exclusivo de assistir aos cultos. Terminada a função, cada um vai para seu lugar. Dentro do espaço da Universal, porém - no que antes era o hall das salas de cinema - funciona um bazar onde se encontram, além de bíblias, pingüins de geladeira e miniaturas de canecos com reproduções de versículos, relógios com motivos religiosos, jarros, bandejas, discos e gravatas com o nó já feito.

De fato, o Setor Comercial Sul já não se parece muito com o espaço pensado por Lúcio Costa para abrigar teatros, casas de chá, cinemas, terraços e cafés. “Mistura, em termos adequados, de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elysées”, escreveu o arquiteto, quando concebeu Brasília, lembrando as áreas centrais de Londres, Nova Iorque e Paris onde funcionam livrarias, galerias de arte, cinemas, teatros, bares e cafés.

“As várias casas de espetáculo estarão ligadas entre si por travessas no gênero tradicional da rua do Ouvidor, das vielas venezianas ou de galerias cobertas (arcadas) e articuladas a pequenos pátios com bares e cafés, e lobbies na parte dos fundos, com vista para o parque, tudo no propósito de propiciar ambiente adequado ao convívio e à expansão”, imaginou Lúcio Costa.

Em documento de 1985, outro estudo feito pelo arquiteto fazia

várias críticas ao uso do SDS e levantava recomendações. Entre elas, “estimular por todos os meios maior utilização do setor para instalação de galerias de arte, bares, restaurantes, danceterias e congêneres”.

Implosão

O prefeito do Setor de Diversões Sul - indicado pelos síndicos de cada edifício - Francisco Coutinho, tem uma proposta polêmica para mudar a cara do lugar: implodir tudo. “Fiz a proposta para o então governador Cristovam Buarque. Demolir tudo e construir prédios melhores no lugar”, diz Coutinho, que mantém um escritório de advocacia no edifício Venâncio IV.

Mas, enquanto a implosão não vem, a prefeitura trata de ir melhorando o que está de pé. “Nosso projeto é melhorar o visual do SDS, a segurança e outros aspectos para valorizar o lugar, o que irá resultar em melhor seleção dos estabelecimentos”, aposta Coutinho.

Em 1997, a prefeitura solicitou ao Governo do Distrito Federal um projeto de revitalização para o Conic. O estudo preliminar foi feito por arquitetos ligados ao Instituto de Planejamento Territorial e Urbano do Distrito Federal (IPDF) e à Universidade de Brasília. São pequenas obras, como substituição e nivelamento dos pisos, substituição das marquises por coberturas metálicas, substituição de luminárias, lixeiras, bancos, cabines telefônicas e outros elementos. Também está previsto um tratamento paisagístico para o setor e construção de banheiros públicos, entre outras obras. Até agora, o projeto está praticamente abandonado. Previa-se parcerias entre poder público e condôminos para tocar as obras. Mas a articulação nunca se deu.

O presidente regional da Central Única dos Trabalhadores (CUT), José Zunga, hospede que gosta de chamar o lugar de “Setor Sindical Sul”, ao contrário do advogado Coutinho, é menos radical. Reivindica pouca coisa para o lugar ficar bom de verdade. “Falta uma reurbanização visual e é preciso explorar melhor o potencial cultural do SDS. Além disso, o poder público tem que deixar de tratar isso aqui como um lugar a ser esquecido. O SDS é um dos melhores lugares de Brasília. É um local extremamente rico”, empolga-se o sindicalista.